

LEITURA É EIXO FUNDAMENTAL PARA O DESENVOLVIMENTO DO PAÍS

Entrevista de Fabiano Santos Piúba a Antonio Carlos Ribeiro

Fabiano Santos Piúba, diretor de Livro, Leitura, Literatura e Bibliotecas da Fundação Biblioteca Nacional/Ministério da Cultura (DLLLLB/FBN/MinC) concede entrevista no dia 2 de setembro de 2013 à Cátedra UNESCO de Leitura.

iiLer – Quais as ações propostas neste momento para projetos como o ‘Agentes de Leitura’ e como é possível motiva a operacionalização dos que vão atuar diretamente no processo de distribuição, mas sobretudo à leitura, os agentes de leitura? Quais as expectativas que se pode ter em relação a isto neste momento?

Fabiano Santos Piúba – Nós estamos iniciando agora um processo de avaliação e diagnóstico do Programa Agentes de Leitura, que se deu por meio de um convênio com os Estados e municípios. Creio que temos hoje entre cinco e sete mil agentes de leitura no Estado e cidades distintas no país. E agora é avaliar os resultados, quais foram os impactos desse programa, dando passos sociais, culturais e educacionais, para que a gente possa, a partir dessa avaliação, ajustar o programa, requalificar o programa e dar um avanço nessa questão do acesso ao livro, mas sobretudo formar leitores dos três ambientes fundamentais: a família, a escola e a biblioteca pública, que são, digamos, os campos de atuação desses Agentes de Leitura. Estamos nessa fase.

Um elemento que sempre desperta a atenção é que campanhas publicitárias eficientes, como as de combate ao fumo e de incentivo à vacinação. Parece que alcançam resultados quando chegam às mídias e com intensidade maciça, ao ponto de criar um espaço ou conquistar a atuação dos leitores. Pergunto: há alguma coisa planejada nesses moldes para um projeto que demanda tanto esforço como a questão da leitura num país como o nosso?

O Plano Nacional do Livro e da Leitura tem quatro eixos: a democratização do acesso; o segundo, que é a formação do leitor e informação dos mediadores de leitura; terceiro, que é o fomento da economia criativa do livro – fomentar a criação, a produção, a circulação e o próprio mercado editorial – e há um outro eixo que é a comunicação, considerando que o livro, a leitura, a biblioteca são pouco presentes no imaginário do povo brasileiro, na sua formação cultural, daí a necessidade de campanhas para que se desenvolva essa importância que é a leitura na sociedade, na vida social e cultural de um país. Desde o princípio do plano, em 2006, vem sendo desenvolvido campanhas para esta importância, mas creio que ainda não conseguimos desenvolver e ter resultados ainda mais importantes nessa perspectiva. Daí tem que ser – infelizmente, na cultura brasileira – mais contínua, de modo que agente não pode adormecer ou cochilar em relação a esta agenda de leitura e da comunicação. Com certeza é um tema que vai entrar em nossa pauta, desenvolvendo campanhas, mas que tem que envolver toda a sociedade e os meios de comunicação e hoje, com a facilidade que são as redes sociais. Aliás, essa tem sido uma luta, uma batalha bastante difícil.

Como tem sido a resposta da sociedade na contribuição na área do livro, da leitura e da biblioteca? Como você avalia – como forte, razoável ou ainda tímida – a participação da sociedade? Que perspectiva – como quem coordena o programa – tem?

Vou falar agora na perspectiva regional da América Latina. Estive um ano e meio no CERLALC e na UNESCO. Em 2004 fui eleito pelos chefes de Estado dos países latino-americanos para que em 2005 fosse desenvolvida a campanha do Plano Latino-americano de Leitura. O LIME do Brasil ganhou o nome de Viva a Leitura, que era uma campanha para convencer os Estados-membro a incluir uma agenda pública de leitura em suas agendas públicas de educação, de cultura, de desenvolvimento social. Ou seja, a leitura é um assunto de políticas públicas e está fazendo exatamente em 2014-2015, 10 anos. Uma boa pergunta que temos que fazer é quais foram os resultados, quais são os impactos. É que os planos nacionais dos 21 países-membro do CERLALC, 19 têm seus planos nacionais. E a pergunta é quais foram impactos disso na educação, nos indicadores sociais. E, eu tenho uma hipótese de que nesses 10 anos, o máximo que nós conseguimos, sobretudo nos países da América Latina e do Caribe foi desenvolver uma política de livro. Os Estados têm investido de maneira expressiva, uns mais que outros, na compra de livros para bibliotecas públicas, para bibliotecas escolares, mas ainda temos uma fragilidade institucional e estratégica de investimento na formação do leitor. Eu penso que a prioridade, o ponto central de qualquer política pública do livro, de bibliotecas, e leituras é a formação. Essa para mim, creio que é a grande aposta e é a grande agenda, porque a agenda no Brasil não é muito diferente dos países da América Latina, que é uma agenda de inclusão social. E sem a dimensão da Leitura nessa agenda de inclusão social e de desenvolvimento eu acho que ainda vamos penar muito com os indicadores que temos no país. Então, a aposta é esta. Porque a leitura não é só um assunto ou tema estratégico, mas é um eixo fundamental para o desenvolvimento do país.

A implantação de bibliotecas e pontos de leitura, também projetos e bolsas para leitura e prêmios literários, você acha que esses programas têm mais a ver com o PNLL? Em que medida eles absorvem tempo? E como você lida com uma demanda que implica a urgência, a demanda em si e a política de governo nessas situações?

Esse é um grande desafio. Até para fazer uma ligação com o tema anterior, eu tenho me perguntado muito com quantos ‘L’ se fazem políticas públicas: você tem o ‘L’ de livro, a questão de fomentar o livro, o acesso ao livro, o livro como acesso cultural, mas você tem outros ‘L’: o ‘L’ de leitura, que falamos agora a pouco, na perspectiva da formação, você tem um ‘L’ de Literatura, portanto você tem que desenvolver programas, projetos para desenvolver a literatura, compreendendo essa literatura como expressão da unidade ou da diversidade cultural. Então é importante que tenha fomentos ou bolsas para criação e circulação literária e, para continuar na letra ‘L’, falar de biblioteca usando a palavra em inglês, então se faz com bibliotecas. O grande desafio de quem trabalha com essas políticas públicas é buscar um equilíbrio entre isso. Você ter uma atuação permanente e contínua para criação e atualização de acervos para políticas públicas, escolares e comunitárias, mas você ter também um grande investimento

para o campo da leitura. Eu vejo pelo menos em duas frentes, você ter a condição. Uma que seria de promover a leitura por meio dos equipamentos públicos como bibliotecas, escolas, centros culturais e também fortalecer ações do programa Agentes de Leitura. E também fortalecer ações da sociedade civil, do terceiro setor, que desenvolvem, no caso do Brasil, projetos e grandes projetos comunitários, em áreas de vulnerabilidade social, em espaços não convencionais de leitura, como hospitais, presídios, fábricas, estações, parques, em áreas distantes, quilombolas, ribeirinhas, indígenas e que são desenvolvidos pela sociedade civil, por organizações não governamentais (ONG) ou por pessoas físicas, às vezes sem nenhum apoio do Estado. E o Estado tem que reconhecer essas iniciativas sociais de apoio à leitura e ao mesmo tempo fomentar, financiar esses espaços, esses ambientes não convencionais da leitura. Eu acredito que nossa tarefa, como pessoas que trabalham no campo da educação e da cultura, é ver a leitura e a biblioteca como os terrenos para essa atuação e tem que buscar esse equilíbrio, qualificando as bibliotecas públicas e as bibliotecas escolares que, no caso do Brasil, tem uma lei para que todas as escolas tenham bibliotecas. E temos até 2020 para cumprir essa meta, no entanto, boa parte dos livros que o Ministério da Educação envia para as bibliotecas escolares ficam guardados em caixas, ficam encaixotados ali, num acervo como um depósito de livros e vão como um espaço cultural dentro da biblioteca, importante na sua arquitetura física e arquitetura pedagógica, para formação dos leitores, tanto dos professores como dos alunos na própria comunidade escolar.

Como uma pessoa com sua formação e mesmo sua vivência, do ponto de vista da gestão num organismo como a UNESCO, com abrangência continental na América Latina, vive esta situação, de estar num evento como a Bienal, com milhares de estantes e livros de diversas áreas do saber? – Já parei e pensei: será que tudo isso passou pela cabeça de Gutenberg quando criou os tipos móveis? Provavelmente nunca, no século XVI – numa ponta, e na outra ponta você tem essas situações nos pontos mais extremos do país, por vezes um conjunto enorme de precariedades, e nesse espaço, a demanda de trabalhar num projeto que leva ou que torna a leitura acessível nos níveis mais diversos de condições de absorção, entre outras. Como você administra esse conjunto?

Eu sou dessas pessoas que acredito muito no papel social de uma feira, de um livro e de uma Bienal do Livro. Primeiro por uma razão: se você está realizando uma feira de livros, ou um salão de literatura, você está chamando a atenção para a cidade de que algo se passa ali nesse universo do livro e da leitura. No entanto, creio também que esses espaços precisam qualificar um pouco seus ambientes, na perspectiva de como se estabelece o acesso ao livro, como estabelecer por meio de uma programação cultural e acadêmica, do pensamento crítico, porque uma feira do livro é, ao mesmo tempo, um espaço cultural, um espaço educacional, social. Então, a relevância dela não se discute, mas nós temos que aprimorar um pouco isso, que não seja apenas um lugar onde as pessoas vão passear, mas ter esse contato com o universo do livro e da leitura. E que possam sair desses lugares com sacolas e bolsas de livros que interessam de verdade.